

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA**

LUCAS ANTONIO PELLEZ SANCHES

MEMÓRIAS DE PESSOAS COM NANISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**GOIANIA
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Lucas Antonio Pellenz Sanches

Título do trabalho: Memórias de pessoas com nanismo na Educação Física escolar

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Antonio Pellenz Sanches, Discente**, em 24/01/2023, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Salles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 24/01/2023, às 20:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3478206** e o código CRC **475E6A44**.

LUCAS ANTONIO PELLEZ SANCHES

MEMÓRIAS DE PESSOAS COM NANISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
aprovação no curso de licenciatura em Educação
Física da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Salles

GOIANIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sanches, Lucas Antonio Pellenz
Memórias de pessoas com nanismo na educação física escolar
[manuscrito] / Lucas Antonio Pellenz Sanches. - 2023.
55 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Salles da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Educação Física, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Nanismo. 2. Educação Física. 3. Inclusão Escolar. I. Silva, Ana
Paula Salles da, orient. II. Título.

CDU 796

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **07/12/2022**, às **09 horas**, de forma **presencial**, na sala 10 da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "**Memórias de pessoas com nanismo na Educação Física escolar**", de autoria de **Lucas Antonio Pellenz Sanches**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Ana Paula Salles da Silva - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Sérgio de Almeida Moura - FEFD/UFG** e **Profa. Dra. Flórence Rosana Faganello Gemente - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **7,0 (sete)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Salles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 24/01/2023, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio De Almeida Moura, Professor do Magistério Superior**, em 31/01/2023, às 08:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flórence Rosana Faganello Gemente, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2023, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3478205** e o código CRC **DC0F40C7**.

RESUMO

Um dos assuntos que têm sido amplamente debatidos dentro e fora do ambiente escolar é a inclusão. Hoje, existem inúmeros estudos voltados a temática do processo de inclusão dos alunos que apresentam diferentes características físicas, intelectuais, sensoriais, éticas, sociais e de gênero, porém, existem poucas pesquisas voltadas especificamente o nanismo. Assim, o objetivo principal foi refletir com base nas experiências vivenciadas por pessoas com nanismo como ocorre a Educação Física Escolar nas escolas brasileiras. Para isto foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevista e metodologia do tipo história oral temática. Como resultado observou-se que deve haver colaboração de todas as partes acerca da inclusão dos alunos com nanismo nas aulas de Educação Física, pois se o professor não está preparado para tal e não busca meios para isso, o aluno se desmotiva.

Palavras-chave: Nanismo. Educação Física. Inclusão Escolar.

ABSTRACT

One of the issues that have been widely debated inside and outside the school environment is inclusion. Today, there are numerous studies focused on the theme of the inclusion process of students who have different physical, intellectual, sensory, ethical, social and gender characteristics, however, there are few studies specifically focused on dwarfism. Thus, the main objective was to reflect, based on the experiences lived by people with dwarfism, on how School Physical Education occurs in Brazilian schools. For this, a qualitative approach was carried out, with data collection through interviews and thematic oral history methodology. As a result, it was observed that there must be collaboration from all parties regarding the inclusion of students with dwarfism in Physical Education classes, because if the teacher is not prepared for this and does not seek ways to do so, the student becomes discouraged.

Keywords: Dwarfism. PE. School inclusion.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipos de nanismo	19
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Resposta para a pergunta se tinham algum parente com nanismo	30
Quadro 2. Resposta do E1 a pergunta “Como foi crescer com o nanismo”	31
Quadro 3. Falas do E1 sobre como a temática do nanismo era abordada dentro de sua casa.	32
Quadro 4. Resposta do E2 a pergunta “Como foi crescer com o nanismo”	32
Quadro 5. Falas do E1 em relação as aulas de Educação Física	33
Quadro 6. Falas do E1 a respeito dos esportes coletivos	34
Quadro 7. Falas do E1 em relação a tentativa de adaptação das aulas de Educação Física....	36
Quadro 8. Falas do E2 em relação as aulas de Educação Física	36
Quadro 9. Demais falas de E2 relatando alguns aspectos de sua infância e família	37
Quadro 10. Falas do E2 de como era o ambiente fora da escolar e da família, no que diz respeito as atitudes das outras pessoas	37
Quadro 11. Relato de preconceito velado por E2.....	38
Quadro 12. Relatos do E1 de momentos em que sofreu preconceito.....	39
Quadro 13. Relato do E2 sobre a falta de acessibilidade	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Nanismo	19
Figura 2. Mutação autossômica dominante	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FGFR3	Receptor tirosinokinase 3
GH	<i>GrowthHormone</i>
GHRHR	Gene receptor do hormônio liberador de hormônio do crescimento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNEEPEI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMARIO

LISTA DE QUADROS	9
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 Educação Inclusiva, Educação Física e Nanismo	17
2.1 Educação Inclusiva.....	17
2.2 Nanismo: nanismo hipofisário a acondroplasia	18
2.2.1 Estigmatização das pessoas com nanismo e a importância da inclusão social	22
2.3 Educação Física Escolar voltada para a inclusão de alunos com deficiência	24
3 METODOLOGIA	28
4 ANÁLISE DE DADOS.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
APÊNDICES	51
APENDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	51
APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	54

1 INTRODUÇÃO

Um dos assuntos que têm sido amplamente debatidos dentro e fora do ambiente escolar é a inclusão. Embora hoje compreenda-se a sua importância, práticas inclusivas ainda continuam sendo pouco executadas e existem inúmeros fatores que contribuem para isto. Incluir dentro das escolas é um processo definido por Coelho (2010) como complexo, pois mudanças em todo o processo de ensino e aprendizagem devem ocorrer. Para Mantoan (2003) a inclusão consiste em sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças.

Hoje, existem inúmeros estudos voltados a temática do processo de inclusão dos alunos que apresentam diferentes características físicas, intelectuais, sensoriais, éticas, sociais e de gênero (TORRES; SANTOS; SANTOS, 2016). Este processo é denominado como uma educação inclusiva e configura-se um dos principais desafios das escolas públicas brasileiras (SANTOS, 2020). Conforme aponta Garofalo (2018), a diversificação do currículo, incentivo ao diálogo, participação da comunidade, investimentos na formação do docente, disponibilização de tecnologias assistivas e realização de projetos de inclusão são alguns dos pontos que devem ser desenvolvidos pela escola a fim de que ela realmente torne-se inclusiva.

Entretanto, embora nota-se que maiores atenções têm sido destinadas ao ensino inclusivo, quando busca-se compreender que estratégias têm sido propostas para promover um ensino inclusivo para pessoas com nanismo, o que se observa é que existem poucas pesquisas voltadas especificamente a esta temática.

Assim, a presente pesquisa tenta fazer um pequeno recorte da realidade para responder ao questionamento: qual a realidade da Educação Física Escolar brasileira no que diz respeito às práticas inclusivas voltadas as pessoas com nanismo?

Como objetivo principal foi estabelecido para este trabalho refletir com base nas experiências vivenciadas por pessoas com nanismo como ocorre a Educação Física Escolar nas escolas. Os objetivos específicos delimitados foram: apresentar os aspectos físicos e etiológico relacionados ao nanismo; descrever os diferentes aspectos vividos por pessoas com nanismo em aulas de Educação Física na escola.

Para alcançar os objetivos propostos, foram analisadas as vivências escolares de sujeitos com nanismo, afim de entender como o ambiente escolar, mais especificamente as aulas de Educação Física, influenciaram suas vidas positiva ou negativamente.

Quando se fala de nanismo dentro do ambiente acadêmico fica visível a pouca relevância do tema, pois é pouco pesquisado dentro da comunidade acadêmica, principalmente se tratando de sua relação com a Educação Física Escolar. Diante disto, pesquisas como estas são essenciais, pois a baixa produtividade acadêmica sobre este assunto, leva a um déficit de conhecimento e gera dúvidas e incertezas sobre o trato com as pessoas com nanismo.

O nanismo é uma condição que pode ter origem genética ou metabólica que resulta em crescimento anormal do indivíduo quando comparado aos demais do mesmo sexo e idade. Em média, a estatura máxima de mulheres com nanismo na idade adulta é de 1,40cm e de homens 1,45cm (ROCHA; WAGNER, 2018).

Ventura, Rodrigues e Oliveira (2013) já haviam evidenciado que as pessoas com nanismo são estigmatizadas pela sociedade, pois não apresentam padrões convencionais de corpo. Com isto, poucos serviços da comunidade são adaptados para atender a esta população, fazendo com que a exclusão social aumente, assim como, o preconceito e a discriminação. A respeito disto, Silva, Arruda e Oliveira (2014) destacaram que a melhor solução para este problema seja a inclusão de modo a possibilitar a autonomia das pessoas com nanismo.

O melhor campo social para que a inclusão se estabeleça e torne-se uma prática efetiva na sociedade são as escolas e apesar de muitos avanços terem acontecido neste sentido, as dificuldades sempre estarão presentes no dia a dia escolar. Assim, é essencial que professores e demais pessoas que façam parte do ambiente escolar estejam aptas a trabalharem com os alunos com nanismo, isto especialmente na Educação Física Escolar.

Além disto, existem trabalhos que já apresentam fora as adaptações visando uma facilitação da mobilidade das pessoas com nanismos, a atividade física regular compreendem em uma maneira de incluir socialmente esta população. Nesta perspectiva é importante salientar que as pessoas com nanismo vivem em um mundo não adaptado para a sua realidade física e isto pode diminuir sua qualidade de vida, sendo a prática de atividade física uma forma de reverter este processo (ROCHA; WAGNER, 2018).

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes principais. A primeira tem uma breve contextualização sobre a temática inclusão escolar, nanismo e Educação Física Escolar.

Na segunda encontra-se a metodologia do trabalho, ou seja, a forma como os dados foram coletados e analisados. E por fim, na terceira os principais resultados, reflexões e conclusões sobre o problema da pesquisa.

2 Educação Inclusiva, Educação Física e Nanismo

Para compreender melhor os acontecimentos vivenciados pelas pessoas com nanismo dentro das escolas alguns temas que são essenciais para a discussão foram abordados, são eles: Educação Inclusiva, nanismo, Educação Física Escolar e o Ensino Inclusivo

2.1 Educação Inclusiva

Os primeiros movimentos educacionais no Brasil que visavam a inclusão de pessoas com deficiência ocorreram entre os anos de 1970 a 1980. A nível internacional neste mesmo período, o processo de construção de escolas voltadas ao atendimento de alunos independente de suas condições físicas ou cognitivas já havia iniciado (LIMA, 2009). O termo Educação Inclusiva só começou a ser usado a partir da década de 1990, período em que no país, a assinatura de diferentes leis, decretos e políticas, marcavam o início de um sistema educacional mais inclusivo (FARIA; CAMARGO, 2018).

Para Silva e Lima (2016), incluir é um ato de interação entre os seres humanos que acontece de forma natural, sem que características fenotípicas ou genotípicas sejam levadas em consideração. Nas escolas, isto é visto como a promoção de um processo de ensino e aprendizagem único, que consiga atender a todos os indivíduos, sem que exista nenhum tipo de discriminação.

A fim de assegurar e garantir a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades no ensino regular, no ano de 2008 foi criada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008). E com o passar dos anos, outros decretos e leis foram estabelecidos como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), o Decreto nº 6.571 que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2008), a Lei nº 12.764 que instituiu a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012), a criação da Secretaria de Modalidades Especializadas em Educação (BRASIL, 2019), a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2020), entre outros.

Assim, observa-se que educação no Brasil é um direito de todos, garantido pela constituição, porém, o que se nota é que não acontece na prática da forma como encontra-se estabelecida no papel, principalmente quando envolvem as várias minorias marginalizadas. Sabemos que não é fácil para as pessoas com deficiência se adaptar em ambientes que muitas vezes não é preparado para elas. Esse é um dos principais obstáculos enfrentados por eles, além da falta de preparo dos funcionários das instituições. Para Guimarães, Borges e Van Petten (2021) é nítido que inúmeros avanços tenham sido obtidos no que tange a inclusão escolar, porém, este processo ainda continua envolto por muito sentimentos negativos e discriminação.

A educação inclusiva deve ter como base o princípio de igualdade, no qual, todos tem direito a educação independentemente de suas características pessoais ou escolhas. E a educação nos ambientes de inclusão deve ser promovida da melhor maneira possível, abrangendo todos os alunos e suas peculiaridades, abrangendo assim outro princípio, o de equidade (PEREIRA; MATSUKURA, 2013).

Para cada deficiência se exige uma adaptação diferente, tanto no âmbito estrutural quanto no pedagógico. No caso do nanismo as adaptações devem ocorrer no ambiente, para que possam atender todas as suas necessidades, não se pode deixar de enfatizar que os indivíduos com tal deficiência não têm qualquer tipo de dificuldade de aprendizado relacionado com tal condição. Desta forma, antes abordar o ensino inclusivo com foco no nanismo, será apresentado algumas características desta deficiência.

2.2 Nanismo: nanismo hipofisário a acondroplasia

O nanismo é caracterizado como um transtorno que afeta o crescimento dos indivíduos, resultando em pessoas de baixa estatura quando comparada com os demais de seu mesmo sexo e idade (Figura 1) (BRASIL, 2022). O nanismo pode ser classificado em duas categorias principais, que divergem também quando as suas características físicas, isto encontra-se evidenciando na a tabela 1.

Figura 1. Nanismo

Fonte: Pexels (2022)¹

Tabela 1. Tipos de nanismo

Tipo	Causas	Características
Nanismo hipofisário ou pituitário	Distúrbios metabólicos e hormonais que resulta na deficiência na produção de hormônio do crescimento (GH), ou ainda, em resistência do organismo a sua ação	Baixa estatura e atraso no desenvolvimento sexual
Acondroplasia	Síndrome genética que altera o crescimento de ossos longos pois acelera o processo de calcificação das cartilagens	Baixa estatura, membros superiores e inferiores curtos, macrocefalia, dedos curtos e grossos, pés planos, arqueamento das pernas, cifose, lordose, dentes desalinhados, demora para o desenvolvimento da habilidade de andar, entre outros.

¹<https://www.pexels.com/search/achondroplasia/>

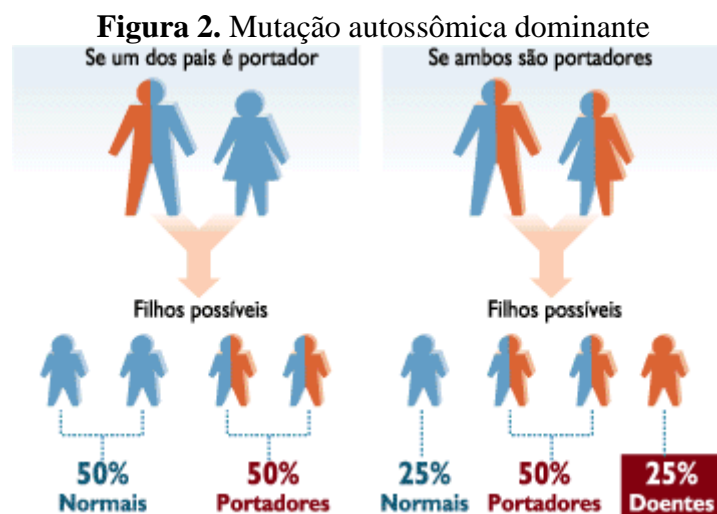
Fonte: Adaptado de Brasil (2022)

As bases genéticas relacionadas a deficiência de hormônio do crescimento e que resulta no nanismo caracterizado como hipofisário podem ser caracterizadas com base nos conceitos mendelianos de herança genética em: autossômica recessiva (tipo I); autossômica dominante (tipo II); e, ligada ao cromossomo X (tipo III). Diferentes genes podem estar envolvidos no desenvolvimento do nanismo hipofisário, como por exemplo, deficiências e alterações no gene receptor do hormônio liberador de hormônio do crescimento (GH²) (GHRHR) que culmina níveis hormonais baixos, prejudicando o crescimento. Alterações também podem acontecer diretamente no gene GH e resulta na produção de anticorpos anti-GH, ou na produção de um GH biologicamente inativo. Além disso, os indivíduos podem ser insensíveis ao GH e assim, mesmo com uma produção hormonal normal, os receptores para estas moléculas não respondem a sua ligação ao sítio ativador (MARUI *et al.*, 2002).

A acondroplasia também denominado de Doença de Parrot por sua vez, relaciona-se principalmente a mutação no G380R presente no domínio transmembrana do receptor tirosinokinase 3 (FGFR3). Estes receptores são essenciais para a ligação dos fatores de crescimento em fibroblastos e quando alterados, suprimem a proliferação destas células, resultando no fenótipo acondroplásico (SARABIPOUR; HRISTOVA, 2016).

É importante destacar que o termo doença é usado apenas na área da saúde, quando se trata da educação e no trato com outras pessoas o ideal é utilizar outras terminologias, como por exemplo, pessoas com deficiência. Quando usado na figura 2 faz referência aos indivíduos que não são capazes de sobreviver a maior quantidade de alterações físicas.

²*Growth Hormone*



Fonte: Radiologia Patológica (2018)³

De acordo com os princípios genéticos mendelianos, a acondroplasia apresenta-se como uma mutação autossômica dominante, desta forma, um indivíduo com a deficiência a transmite para o gene que determina a condição para 50% de sua prole. Paciente homocigoto para a acondroplasia não sobrevivem por muito tempo após o nascimento por apresentarem alterações esqueléticas significativas. Em caso em ambos os pais são portadores do gene, a probabilidade de homocigose nos filhos é de 25% (ALVES, 2018) (Figura 2).

A principal característica física que difere as pessoas com acondroplasia da que apresentam nanismo hipofisário é o crescimento desproporcional. Eles apresentam membros desproporcionais ao tamanho do tronco, mandíbula saliente quando comparada aos demais ossos da face, mãos pequenas, dedos curtos, dentes desalinhados, entre outros (THOMASI, 2018).

O nanismo é considerado uma deficiência no Brasil desde o ano de 2004, desta forma, as políticas de inclusão deveriam abranger também a esta população. Devido aos fatores relacionados ao surgimento do nanismo, no Sistema Único de Saúde (SUS), indivíduos com esta condição são atendidos e tem todas as suas necessidades globais supridas, isto incluem cirurgias para correção de alterações morfológicas corporais ou ainda, medicamentos e

³<https://radiologiapatologicablog.wordpress.com/2018/06/17/nanismo/>

reposição hormonal para os casos de nanismo pituitário (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2021).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirma que não existem um levantamento sobre o número de pessoas com nanismo no país, porém estima-se que sua frequência seja de 1 pessoa a cada 10 mil habitantes. As pessoas com nanismos, de acordo com as leis e diretrizes do país, apresentam como direitos fundamentais: acesso a saúde, a educação, ao trabalho, a assistência social, a previdência, ao transporte público, à adoção e por fim, a inclusão social (BRASIL, 2021). Entretanto, nota-se que ao longo da história, elas foram tratadas com preconceito e os reflexos destas ações encontram-se presentes na sociedade até os dias atuais.

2.2.1 Estigmatização das pessoas com nanismo e a importância da inclusão social

O problema do nanismo no Brasil é que a população ainda é estigmatizada. Isto é evidente a partir do momento em que, por exemplo, de acordo com Paiva (2019), embora existam estimativa, o número de pessoas com esta condição no país não é exato, assim como as demais deficiências. Ainda conforme o autor pessoas com nanismos encontram-se em diferentes áreas da sociedade, como médico, empresários, bancários, educadores, entre outros, e por isto, é essencial que esta população tenha visibilidade, inclusão e os direitos legais garantidos.

Conforme apresentam Rocha e Wagner (2018) a baixa estatura apresentada pelas pessoas com nanismo faz com que a realização de tarefas diárias seja executada por eles de forma mais dificultosa. Ampliando ainda mais o sentimento de impotência, encontra-se o preconceito por parte de grande parte das pessoas que vem as pessoas com esta deficiências como frágeis ou incapazes de realizarem atividades denominadas como comuns.

O preconceito⁴ e estigmatização⁵ de pessoas com nanismo não é algo novo e nem restrito ao Brasil (FARIA; MARIANI; LIMA, 2020). A falta de conhecimento a respeito desta condição fez com que as pessoas que a possuem fossem rotuladas por muito tempo como aberrações ou ainda como criaturas extraordinárias. Com isto, elas tornaram-se elementos de entretenimento e divertimento, sendo expostas de forma vexatória e ofensiva na grande parte das vezes, contribuindo assim, para que o preconceito aumentasse e se perpetuasse (FARIA, 2020).

Embora hoje este tipo de situação não aconteça mais, as pessoas com nanismo, rotuladas erroneamente de anões, quando adentram diferentes espaços sociais são constantemente rotulados e voltam a ser o centro das atenções. Como resultado, a fim de passar por este tipo de situação, é comum que os indivíduos com nanismo acabem se tornando apáticos, bloqueando quaisquer tipos de sentimento advindo do meio externo (LIMA, 2019).

É por isto que a inclusão das pessoas com nanismo em diferentes contextos sociais é essencial e para que isto aconteça é imprescindível que mudanças ocorram na forma como eles são vistos e tratados. Nesta perspectiva, Faria, Mariani e Lima (2020) evidenciam que os principais pontos que devem ser abrangidos no que tange a inclusão, são:

- 1) Divulgação de informações a respeito do nanismo e suas causas;
- 2) Apoio da mídia;
- 3) Cumprimento das leis de inclusão; e,
- 4) Criação de novas políticas públicas voltadas a proporcionar a acessibilidade em ambiente públicos e privados.

Porém, Ventura, Rodrigues e Oliveira (2013) destacaram em sua pesquisa que as pessoas com nanismo são tratadas de forma diferenciada desde quando ainda são crianças, principalmente dentro das escolas. É neste momento que muitas delas passam a ter a concepção errônea de que por serem fisicamente diferentes e não se encaixam nos padrões de corpo

⁴ Preconceito: Ato de jogar previamente uma situação ou pessoa que se manifesta por meio de atitudes discriminatória.

⁵ Estigmatização: ato de rotular, estereotipar e excluir pessoas com base em suas características físicas, culturais, mentais ou religiosas.

impostos pela sociedade, são inferiores e por isto devem viver a margem da demais. Assim, a inclusão das pessoas com nanismo deve ser uma realidade também dentro das escolas.

Dentro do contexto escolar, Carvalho (2011) apresenta que a “inclusão não se faz por decreto, e sim pela vontade de todos os envolvidos em criar condições objetivas para sua consolidação” (p.5). Entretanto, embora os princípios da inclusão estejam sendo implementados, ainda existem poucos materiais didáticos que tragam metodologias didáticas que abranjam todos os alunos, incluindo aqueles com nanismo.

Uma educação inclusiva deve ter como foco o aluno e ser realizada para ele. Dentro da Educação Física Escolar, é essencial que este princípio seja respeitado, pois, os alunos com nanismo devem por meio das práticas realizadas terem sua autoestima e confiança elevadas, assim como a promoção do seu desenvolvimento motor, social e afetivo (CARVALHO, 2011). Para Nacif (2016), as aulas de Educação Física na Escola compreendem em um momento ideal para a socialização e integração dos alunos com algum tipo de deficiência, entretanto, é essencial que para isto aconteça o professor estar preparado para lidar com as diversas situações que podem acontecer, sendo um mediador nos processos de inclusão e interação, com objetivo de aprendizagem, que deve ocorrer de todos os lados (professor, aluno e aluno com deficiência).

2.3 Educação Física Escolar voltada para a inclusão de alunos com deficiência

Partindo do ponto de vista de que a escola compreende em um dos primeiros e principais ambientes sociais frequentados pelos indivíduos com algum tipo de deficiência, é essencial que a perspectiva de inclusão das pessoas com nanismo seja abordada neste contexto. Assim, cabe à Educação Física Escolar, a partir dos componentes curriculares obrigatórios para Educação Básica, promover um processo de ensino e aprendizagem que abranja a todos os alunos (SANTOS *et al.*, 2020).

Foi com base nisto e também como resultado de discussões a respeito das práticas inclusivas nas escolas, mas especificamente nas aulas de Educação Física, que o termo Educação Física Adaptada passou a fazer parte da rotina escolar e dos cursos superiores voltados a formação profissional (SILVA; SEABRA JUNIOR; ARAÚJO, 2008).

Mendonça (2019) define a Educação Física Adaptada como uma parte da Educação Física convencional que tem como objetivo principal possibilitar que todos os alunos, independentemente de suas características físicas ou psicológicas, realizem atividades de esporte e lazer, assim como os demais conteúdos da cultura corporal. Ela foi incluída no currículo de formação dos profissionais de Educação Física no ano de 1987. Melo e Freitas (2009) destacaram que por meio dela, todos os indivíduos são estimulados a realizarem as atividades físicas, independentemente de suas limitações.

A formação em Educação Física Adaptada nos cursos de formação problematizava inicialmente a inserção das pessoas com deficiência no ensino a partir da perspectiva integracionistas, ou seja, com atividades adaptadas e que por vezes em realizadas separadas dos alunos sem deficiência. No entanto, na atualidade as disciplinas trabalham na perspectiva de formar o professor de Educação Física numa perspectiva inclusiva, na qual reconhece-se a necessidade de se adequar a escola, o currículo e suas práticas para uma intervenção que atenda a todos.

A Educação Física Escolar abrange inúmeros conteúdos que se voltam a promoção do desenvolvimento motor, social e psicomotor dos alunos, a Educação Física Adaptada, surge como um caminho para que a esta habilidades sejam desenvolvidas e aperfeiçoadas por pessoas com limitações físicas. Para isto, ela promove a diversificação dos jogos e esportes, a fim de, adaptar para os alunos com características especiais (MELO; FREITAS, 2009). Porém, para que a inclusão aconteça dentro das aulas de Educação Física Escolar, é essencial compreender o papel dos professores neste processo.

Os professores no contexto da educação inclusiva devem ser capazes de valorizar a diversidade, ou seja, utilizar as características e peculiaridades de cada aluno a seu favor por meio da aplicação de metodologias de ensino variadas, adaptando o currículo escolar de modo que as competências dos educandos com ou sem deficiências sejam desenvolvidas (PLESTCH, 2009). Conforme o Plano Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), a educação inclusiva tem como base os direitos humanos, e por meio dela os princípios de igualdade e diferença são trabalhados de forma associada e indissociável a fim de formalizar a ideia de equidade educacional, dentro e fora do contexto escolar (BRASIL, 2008).

É preciso também que o diálogo seja estabelecido entre todos que fazem parte do processo escolar, a fim de garantir os direitos dos alunos com nanismos. Independente de se

existir pessoas com deficiência, esse diálogo é essencial, já que o *bullying* é algo ainda recorrente nas escolas, o que pode tornar o processo educativo destes alunos ainda mais difícil. O apoio dos próprios colegas é algo que facilita a trajetória escolar, independentemente do nível.

Siems-Marcondes (2017) destaca que escolas que apresentam professores e dirigentes mais acolhedores são aquelas que tem alunos mais respeitosos e solidários. Todas estas habilidades devem ser adquiridas ou desenvolvidas pelos professores ao longo dos anos de formação, seja ela inicial ou continuada. Assim, é essencial que os professores, especialmente aqueles que atuam na Educação Física Escolar busquem sempre o aperfeiçoamento.

Para Gorgatti e Costa (2005) a inclusão dentro da esfera da Educação Física envolve possibilitar que todos os indivíduos, tenham acesso livre ao esporte e ao lazer e este processo dentro da escola é de extrema importância para a sociedade. A partir dos autores, entendemos que isso também se refere as pessoas com nanismo. Para Rocha, Fidêncio e Porto (2016, p.4)

[...]somente quando os programas de Educação Física estiverem relacionados na essência e na prática com os valores humanos, com a compreensão e o respeito do valor da diversidade, é que ocuparão seu lugar dentro do complexo educacional, em que o fato mais importante da natureza humana é a “unidade do ser” e sua exclusividade.

O processo de inclusão dos alunos com deficiências física, cognitivas e sensoriais na Educação Física escola deve ser um processo natural, no qual, a interação entre os alunos aconteça de forma equilibrada. É preciso também que o professor compreenda as adaptações necessárias para o procedimento da aula, para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados por todos (ROCHA; FIDÊNCIO; PORTO, 2016).

É importante também que as aulas de Educação Física sejam planejadas e estruturadas a fim de que as barreiras que impedem os alunos com nanismo de participarem ativamente sejam rompidas. Para isto, é preciso que adaptações sejam realizadas (MUNSTER; ALMEIDA, 2006). Porém para que o professor realize as alterações de forma eficaz é preciso que eles compreendam as dificuldades e também potencialidades dos alunos, os riscos da prática de determinadas atividades e a presença de limitações (ALVES; FIORINI, 2018). Isto é válido também para os alunos com nanismo.

Frente a isto, adaptações curriculares também precisarão ser feitas, possibilitando o estabelecimento, por exemplo, de objetivos individuais, como foco nos pontos fortes de cada

aluno (MUNSTER, 2013). Neste ponto, um ponto importante a ser refletido surge e compreende na realização de esportes coletivos dentro das escolas com alunos com deficiência. Evidenciando a importância de se abordar os esportes paraolímpicos nas escolas (ALVES; FIORINI, 2018).

Além disto, adaptações nas estratégias de ensino são essenciais, como por exemplo, o uso de colegas de classe como tutores dos alunos com deficiência (NABEIRO, 2010). É imprescindível também que a forma de comunicação entre professores e alunos seja repensada e que métodos de avaliação tenham como foco o processo, e não apenas o produto (MUNSTER; ALMEIDA, 2006).

Alves e Fiorini (2018, p.4) apresentam que a inclusão escolar dentro da perspectiva da Educação Física relaciona-se ao “desenvolvimento de um senso de pertencimento, valor e importância no grupo”. Assim, a responsabilidade da inclusão dos alunos com nanismo também é uma responsabilidade da comunidade escolar, e por isto, esta deve participar ativamente do processo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve abordagem qualitativa que conforme apresenta Minayo (2001), não utiliza os números como critério de representatividade, mas sim as análises dos dados obtidos através de metodologias distintas com o propósito de alcançar todos os objetivos do estudo.

Para o presente trabalho foi utilizada como metodologia a História Oral Temática pois permitiu a realização de interlocuções, possibilitando saber o ponto de vista de pessoas ou grupos marginalizados ou não pela sociedade, concedendo assim a chance de explorar mais a fundo as experiências de vida desses grupos a partir de suas próprias falas. Assim, foi possível uma maior aproximação com os protagonistas da pesquisa.

Existem três tipos de História Oral: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. A História Oral de Vida trata-se de narrativas de experiências de vida do indivíduo. Os outros dois tipos por sua vez, são mais específicos e abordam temáticas mais específicas, com enfoque em histórias e a práticas sociais da comunidade (PEREIRA, 2013). Para a pesquisa aqui realizada, utilizou-se da História Oral Temática, uma vez que, o objetivo era a análise dos acontecimentos do período escolar de pessoas com nanismo.

Como instrumento de coleta de informações para o estudo estabeleceu-se entrevistas semiestruturadas que foram conduzidas de forma intencional e objetiva. As entrevistas compreendem uma forma de explicar fatos, fazendo do entrevistador um guia dos trabalhos e do entrevistado um colaborador.

A escolha dos participantes foi realizada de forma aleatória, a partir de uma busca por pessoas com nanismo em comunidades específicas no Instagram. Por intermédio da própria rede social foi feito um contato dirigido com alguns participantes que compreendeu em apresentação individual do pesquisador e explicada sobre a importância do estudo e a necessidade da participação dos indivíduos na pesquisa. Duas pessoas com nanismos aceitaram participar da pesquisa. O número baixo pode ter sido causado pela falta de entendimento sobre a importância da pesquisa. Ambos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que se encontra no Apêndice A.

Em virtude da situação em que vivenciava o país durante o período de realização da coleta de dados das pesquisas, no ano de 2021, não foi possível que as entrevistas fossem

realizadas pessoalmente. Entretanto foi possível realizar a pesquisa com pessoas de outras regiões do Brasil.

Assim, com auxílio de um roteiro (Apêndice B), as entrevistas foram conduzidas por meio de ligações de áudio ou vídeo. A fim de armazenar as respostas, um segundo smartphone foi utilizado com auxílio de um aplicativo de gravação. Isto possibilitou que as respostas não possam ser alteradas ou perdidas.

Para análise dos dados optamos pelo método da análise descritiva, pois a partir dele é possível apresentar tendências e comportamentos dos entrevistados, facilitando assim o entendimento acerca de suas decisões e situações de vida.

4 ANÁLISE DE DADOS

A história oral é considerada uma metodologia que consegue abordar o ponto de vista do sujeito sobre os acontecimentos ao seu redor e a forma como eles moldaram seu comportamento na sociedade. Para Antunes (2012), por meio da história oral é possível contemplar diferentes aspectos da vida das pessoas ou grupos que são o foco de uma pesquisa. Isto porque ela permite que as falas individuais possam ser analisadas de forma profunda e os resultados interpretados, trazendo conclusões que são significativas para o coletivo.

Por meio dessa pesquisa foi possível abrir uma porta para essas pessoas, permitindo que elas falassem da sua vida e trajetória escolar, algo que muitas vezes não acontece, já que essas minorias são muitas vezes silenciadas dentro da sociedade. E a partir do relato dela, foi possível compreender melhor as dificuldades que os alunos com nanismo passam dentro do sistema de ensino regular, e como este é um processo desgastante e desmotivador para eles.

O primeiro entrevistado, nomeado nesta pesquisa como entrevistado número 1 (E1), era um homem solteiro, de 24 anos, mora em Goiânia, formado em jornalismo e que trabalha como redator. Ele também atua como ativista nas questões envolvendo o nanismo, principalmente na busca por direitos e leis. O E1 possui o tipo mais comum de nanismo, o acondroplásico, que segundo Ventura, Rodrigues e Oliveira (2013) compreende na principal causa de nanismo, e que pode ser denominada de doença de Parrot.

O segundo entrevistado, nomeado por esta pesquisa como entrevistado 2 (E2), era mulher, solteira, idade não informada com exatidão, apenas referida como por volta dos 40 anos, mora em São Paulo, formada em fonoaudiologia e que atualmente trabalha na área administrativa de um hospital. Possui o nanismo do tipo displasia espondiloepifisária, caracterizado por apresentar mais deformidades nas extremidades ósseas e na coluna.

Uma das primeiras questões abordadas foi se eles tinham parentes com nanismo na família. O E1 relatou que sua mãe tinha, e o E2 que seu pai e irmãos por parte de pai. Ainda de acordo com E2, seu pai era a primeira geração com nanismo na família (Quadro 1).

Quadro 1. Resposta para a pergunta se tinham algum parente com nanismo

E1	<i>“Tenho. Minha mãe.”</i>
----	----------------------------

E2	<i>“Tem meu pai. Meu pai e meus irmãos por parte de pai”</i> <i>“... Meu pai é a primeira geração de nanismo, dos meus avós. Aí depois só tem nós.”</i>
----	--

Fonte: E1 e E2 (2022)

O tipo de nanismo apresentado por ambos os entrevistados se enquadra no tipo de herança genética apresentada na Figura 2, autossômica dominante. Desta forma, é possível compreender por que ambos os entrevistados apresentavam somente um dos progenitores com o mesmo tipo de deficiência.

Quanto a infância, para o E1, crescer com nanismo foi relativamente normal pois ele só foi entender que o tinha na adolescência. Isto para ele resultou do tratamento recebido quando criança que a partir de seu ponto de vista era “igualitário” quando comparado ao destinado as demais crianças. Além disto, o entrevistado relata que embora quando criança percebesse que sua mãe era diferente das demais pessoas ele não compreendia o que realmente a distinguia das demais (Quadro 2).

Quadro 2. Resposta do E1 a pergunta “Como foi crescer com o nanismo”

E1	<i>“Na verdade, é uma história até engraçada porque eu fui descobrir o nanismo quando eu era adolescente, porque eu sempre tive um tratamento muito igualitário, então acabou que eu sabia que eu era diferente, mas não sabia a causa dessa diferença. Aí eu fui ter consciência disso na adolescência, ali pelos 12, 14 anos, que aí sim eu falei: “não, espera, é alguma coisa física”, e aí foi quando eu fui descobrindo o nanismo, aí eu fui vendo outras pessoas com nanismo que tinham a mesma condição que eu. Então, a partir de quando eu comecei a ver outras pessoas também que tinham essa mesma condição. Acabava que eu via também outras pessoas na infância, mas eu não tinha essa ligação, que eu via muito na mídia. Mas quando eu fui ver elas presencial, eu fui saber. Eu realmente saquei mesmo que nanismo fazia parte da minha vida.”</i> <i>“Eu vi minha mãe ali; eu sabia que tinha uma diferença, mas eu não sacava o que era, não sabia o porquê. Eu sabia que tinha ali uma diferença e que talvez poderia ser física e tal, mas eu não tinha essa consciência de que seria o nanismo, entendeu? Porque o nanismo nunca foi abordado na minha questão familiar. Inclusive, ela é abordada mais pela minha iniciativa”</i>
----	---

Fonte: E1 (2022)

É importante destacar com base nas falas do E1 o fato de que “o nanismo nunca foi abordado na minha questão familiar” (Quadro 2). Isto demonstra que a temática era delicada para a família, e ainda continua sendo, conforme as falas apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3. Falas do E1 sobre como a temática do nanismo era abordada dentro de sua casa

E1	<p>“[...]O assunto do nanismo, hoje, ainda na minha família é uma coisa que vai mais pela minha iniciativa, entendeu?”</p> <p>“Então, foi de modo igualitário, porque como eles já tinham minha mãe, eu não sei como foi o tratamento deles com a minha mãe. Isso eu não tenho relatos. Eu tenho relatos bem superficiais, mas eu não sei profundamente como que isso lidou, entendeu? E aí já na minha infância, foi algo totalmente diferente, porque sempre, quando eu era criança, eu tinha sido curioso, sempre quis ser solto, ser uma pessoa independente. E aí as pessoas viam como "uau, nossa, o Rafael ele vai além, ele vai longe", essas coisas assim. E eu consegui entender que na experiência no caso da minha mãe, foi uma experiência que já era uma resposta que a minha família já queria, que era um a resposta meio limitada, porque o nanismo, conseqüentemente na cabeça dos outros, ele vem como uma limitação.”</p>
----	---

Fonte: E1 (2022)

Ainda com base no Quadro 3, observa-se que o tratamento dos membros da família para com o E1 foi igualitário e que isto talvez tenha ocorrido porque as pessoas já estavam “acostumadas” com sua mãe. Embora não fique claro, com base na frase “eu não sei como foi o tratamento deles com a minha mãe. Isso eu não tenho relatos. Eu tenho relatos bem superficiais, mas eu não sei profundamente como que isso lidou, entendeu? E aí já na minha infância, foi algo totalmente diferente” (Quadro 3), fica implícito que possivelmente o tratamento destinado à sua mãe foi diferente do que ele experimentou.

Já para o E2 fica evidente que a sua infância foi relativamente tranquila por dois aspectos principais, o fato de a família ter uma boa situação financeira e que na comunidade que viviam o nanismo era visto a partir de um ponto de vista mais positivo (Quadro 4).

Quadro 4. Resposta do E2 a pergunta “Como foi crescer com o nanismo”

E2	<p>“Então. A minha infância foi bem leve, Lucas. Porque a gente tinha grana e o meu pai era famoso e ele foi famoso por ter nanismo, ser anão. Porque ele era um cantor</p>
----	---

<p><i>e é reconhecido até hoje pela voz. E a gente tinha esse privilégio, digamos assim. A gente entrava na escola e as pessoas geralmente queriam ser nossas amigas”.</i></p> <p><i>“Na verdade, porque o meu pai tinha nanismo, eu acho que eu sempre soube que eu era pequena, mas para meu pai nunca teve barreira. Eu digo nanismo no sentido, eu me realizei como uma pessoa com nanismo como uma pessoa deficiente, diferente nesse mundo, porque, eu falava assim, o meu discurso até meus 25, 26 anos, era assim: eu esqueço que sou pequena. Eu esquecia mesmo, às vezes eu ia ao balcão e não alcançava, eu dava uns passos para trás, até hoje eu faço isso, e falo: "Eu estou aqui".”</i></p>
--

Fonte: E2(2022)

É interessante que o E2 usa o termo “*privilegiado*” para caracterizar sua infância. Com isto, fica evidente que o tratamento recebido por eles, incluindo o entrevistado e seus irmãos, foi diferente do que normalmente é observado, na realidade do dia a dia. Outro aspecto importante, que difere os entrevistados, é que o E2 compreendia desde pequena que tinha nanismo, com base na relação que o pai tinha com a deficiência, e por isto, foi natural para ela este processo de aceitação. Isto era tão comum dentro do ambiente familiar, que ela relata que “[...] *eu esqueço que sou pequena. Eu esquecia mesmo, às vezes eu ia ao balcão e não alcançava, eu dava uns passos para trás, até hoje eu faço isso*” (Quadro 4).

Com base no relato de E1 e E2 sobre sua relação com o nanismo durante a infância e sua percepção sobre ele demonstram a importância da família neste processo. De acordo com Souza e Maranhão (2018) a convivência familiar pode ficar abalada quando um de seus membros possui algum tipo de deficiência. Isto acontece principalmente na relação entre pais e filhos que inicialmente são assolados por sentimentos como culpa, vergonha e até mesmo rejeição. Entretanto, com o tempo, a disponibilidade de todos os membros da família contribui para que os principais desafios sejam superados.

No que diz respeito mais especificamente as aulas de Educação Física, nota-se que, o E1, apresentou não sentir importância nelas. Isto ficou evidente em alguma de suas falas, apresentadas no Quadro 5, que exprimiam a sua falta de interesse pela disciplina e a do professor em proporcionar experiências para ele.

Quadro 5. Falas do E1 em relação as aulas de Educação Física.

E1	<i>“Educação física, para mim, nunca foi um ponto interessante para mim, porque acho que na educação física que eu me via mais diferente ainda, sabe? Era uma coisa que me distanciava realmente disso.”</i>
----	--

<p><i>“Não incentivavam também, então acabava que deixava ali mesmo, “não quer participar, tudo bem. Quer participar? Beleza”.”</i></p>

Fonte: E1 (2022)

É curioso que com base nas duas falas do E1 (Quadro 5) é possível perceber que a falta de interesse vinha de ambos os lados. Notou-se que no caso do aluno, é demonstrado receio em participar das aulas devido sua diferença para os outros alunos, onde mesmo relata não ter sofrido com algum tipo de *bullying*, mas que preferia se distanciar das práticas coletivas, evidenciado que existe o envolvimento do autoconceito neste processo (Quadro 6).

Quadro 6. Falas do E1 a respeito dos esportes coletivos

E1	<p><i>“[...] engraçado porque, tanto no futebol eu lembro que eu tive uma experiência em uma escola pública, mas por causa de alguns desafetos, preconceitos ou bullying que podiam ocorrer comigo, por causa de uma sugestão me colocaram em escolas particulares, então eu tive uma experiência pública bem na infância, aí depois disso, ali a partir da primeira série já em diante sempre foi escola particular. E aí lá tinha educação física, tinha futebol, natação, essas coisas assim. E futebol é coisa em grupo, basquete coisa em grupo”</i></p> <p><i>“Vários outros esportes são coisas em grupo. E aí que eu não me interessava naquilo, porque não dava, entendeu? Eu não era tão bom quanto eles, além de não ser tão bom quanto eles, eu via que eu não era tão bom, pois eu não tinha essa prática. Até aquela coisa da escolha da pessoa, eu sempre era o último ali, porque eu não me via interessado em se aliar aos demais, porque o pessoal sempre queria meninos que fossem mais altos ou mais atléticos ou que tivessem uma experiência realmente com o futebol, então acaba que isso não me interessava. Eu sempre queria ser o atacante, porque eu ficava do lado do gol, então eu queria ser o atacante para ficar do lado do gol para fazer o gol, mas se movimentar, preguiça, sabe, de correr, para ir pegar a bola, preguiça. Eu queria ficar ali do lado do gol para ver se conseguia fazer gol, só isso. Para ter, pelo menos, uma conquista ali. Mas não era o que me interessava [...]”</i></p>
----	---

Fonte: E1 (2022)

O autoconceito consiste no domínio físico de um indivíduo, envolvendo principalmente a sua percepção sobre si mesmo no que tange as habilidades de fazer tarefas do tipo motoras, atléticas, ou ainda, a forma como se saem no meio social em comparação com os demais. Além disto, o distanciamento do E1 com as aulas de Educação Física pode compreender também um certo distanciamento social criado por considerar que devido a sua condição, ele não seria socialmente aceito pelos demais (VENTURA; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2013).

No caso em análise quem aparenta se distanciar é a pessoa com nanismo e não os demais. Analisando essa situação é possível supor que se houvesse um maior incentivo à prática de atividades físicas, tanto dentro e fora da escola desde pequeno, é provável que a opinião do E1 em relação as aulas de Educação Física fossem diferentes, claro, se considerarmos que suas experiências fossem positivas.

Para Nacif *et al.*(2016), a deficiência não pode ser vista como um impedimento para que o aluno não participe da aula de Educação Física, ou de qualquer tipo de atividade física fora do ambiente escolar. Diante disto, é preciso que os professores compreendam seu papel no processo de inclusão dos alunos e a importância de criar neles uma relação benéfica com a atividade física, visto os benefícios que podem ser adquiridos por intermédio dela ao longo de suas vidas.

Era preciso que o professor neste contexto, buscasse por ferramentas que dessem o aporte necessário para inclusão do E1, talvez dialogando com ele em particular ou até mesmo propondo discussões com a turma sobre possibilidades de intervenção e adaptação das atividades. Conforme apresenta Silva (2014), professor deve estar em constante aprendizagem, ele deve buscar sempre ouvir os alunos e trabalhar em prol de seu desenvolvimento. Ele deve planejar suas aulas dentro do contexto da educação inclusiva planejando sempre as atividades com um olhar diferente sobre a importância do seu trabalho.

A formação continuada compreende no processo de constante aperfeiçoamento realizado por professores já formados em favor do desenvolvimento dos educandos (ZANELATO; POKER, 2012). Dentro da educação inclusiva, a formação continuada se dispõe a promover a reflexão e discussão sobre o processo de escolarização dos alunos com necessidades específicas, de modo que, os professores encontrem-se preparados para “selecionar conteúdos, organizar estratégias e metodologias diferenciadas de modo a atender, adequadamente, a todos os alunos” (POKER, 2003, p.41).

Segundo Ventura, Rodrigues e Oliveira (2013) o ambiente escolar deve propor, para as pessoas com nanismo, caminhos e discussões acerca de aceitação e contra o capacitismo, não só permitir a oportunidade de o indivíduo estar presente na escola, uma vez que somente isso não é o suficiente para o melhor contato educacional e aprendizagem.

Existe uma relação entre a vontade de participar de uma aula e a oportunidade de inclusão que o professor oferece para os alunos com deficiência. É importante que a Educação

Física Escolar também busque desenvolver a autonomia dos alunos com nanismo (NACIF et al., 2016).

A falta de interesse dos alunos é comum dentro da escola, sempre tem algo que não chama tanto atenção dele quanto outras, fazendo com que o desempenho do estudante naquela matéria diminua. Isso se deve a diversos fatores, no caso de nosso entrevistado, é a fuga da sensação de se sentir diferente dos demais. É aí então que entra o papel do professor, segundo Freire (1991), o educador deve conhecer seus alunos, entender em que contexto eles vivem, para compreender sua forma de pensar e então desenvolver uma metodologia compatível com a realidade vivenciada pelo sujeito.

No Quadro 7 encontram-se falas que evidenciam que houve uma intenção em se adaptar as aulas de Educação Física para o E1. Entretanto, devido à demora para que se ocorresse tal adaptação e outras preocupações do mesmo, fez com que essa tentativa não fosse efetiva para ele.

Quadro 7. Falas do E1 em relação a tentativa de adaptação das aulas de Educação Física.

E1	<p><i>“[...] lembro que quando eu estava saindo do ensino médio, eles começaram a adaptar o esporte para mim, entendeu? Algumas coisas.”</i></p> <p><i>“Só que não me interessou. Eu já ficava nessa escola desde o ensino fundamental, já tinha o quê, mais de cinco anos que eu estava nessa escola. Cinco, seis anos.”</i></p> <p><i>“[...] eu já estava ali no ensino médio, eu estava preocupado com minha faculdade, com o curso que eu queria enfrentar. Mas foi bem rápido da passagem, acho que foi uma coisa de uma ou duas aulas que eles queriam tratar, mas continuou novamente na normalidade, nada que fosse algo "nossa, vamos fazer disso algo bem importante".</i></p> <p><i>Não, então acabava que não era algo que realmente me interessou.”</i></p>
----	--

Fonte: E1 (2022)

OE2 por sua vez, mostrou ter muito interesse pelas práticas ofertadas na escola e fora dela para a prática de atividades físicas. Ela relata participar de todas as aulas, com algumas limitações devido sua condição física, mas nada que atrapalhasse, até certa idade (Quadro 8).

Quadro 8. Falas do E2 em relação as aulas de Educação Física.

E2	<p><i>“Eu amava aula de educação física, porque, no meu tipo de deficiência, pelo menos, na minha vivência, eu não tinha dores. Comecei a ter dor com 12 ou 13 anos. Então</i></p>
----	--

	<i>eu fazia tudo, eu corria. Se tinha que correr, eu corria. Não corria igual a todo mundo, mas corria na quadra para aquecer. Fazia os exercícios, jogava vôlei, jogava handebol. Adorava jogar.”</i>
--	--

Fonte: E2 (2022)

Foi evidenciado que talvez o interesse nas práticas esportivas, dentro e fora da escola, apresentado pelo E2, pode estar relacionada com a boa condição financeira da família, onde se tinha mais recursos para investir nas diversas práticas existentes. O fato de a renda familiar interferir nisso está presente em falas do Quadro 9.

Quadro 9. Demais falas de E2 relatando alguns aspectos de sua infância e família

E2	<i>“Hoje eu faço fortalecimento muscular, e gosto de nadar também, mas faz um tempo que não nado, por causa de grana também. Nadar não é barato”</i> <i>“E como era eu, meu irmão e minha irmã. A gente era baixinho. Eu não sei, eu acho, pelo jeito da gente, a gente sempre foi muito social. A gente nunca teve problema, a gente não era muito retraído”</i>
----	--

Fonte: E2 (2022)

Ainda com base no Quadro 9, um fato interessante é o de que o pai e os dois irmãos do entrevistado 2 também apresentam nanismo, ou seja, ela sempre teve alguém parecido a ela durante o período escolar o que facilitou a sua convivência com os outros alunos. E para averiguar se isto contribuiu para um melhor relacionamento do E2 com os esportes, foi perguntando sobre as aulas de natação que foram realizadas fora do ambiente escolar (Quadro 10).

Quadro 10. Falas do E2 de como era o ambiente fora da escola e da família, no que diz respeito as atitudes das outras pessoas

E2	<i>“De verdade, eu lembro que a gente andava bastante na rua e tudo, principalmente no Rio onde a gente passava as férias e ia para praia. Eu não lembro muito de confronto. O confronto que eu tive foi com um menino de rua, lá no Rio, porque menino de rua é escancarado, então eles te apontavam, aí queriam encostar na gente, e a gente era meio assustado com menino de rua. Mas com criança, por exemplo, no hotel que a gente estava. Eu lembro que eu andava de patins de roda e eu ia muito a um lugar de patinação no Rio Sul, que era de patins de roda. Não me lembro de ter tido nada. Mas lembro de que aqui em São Paulo, a gente ia ao Shopping Morumbi</i>
----	--

	<p><i>para patinar no gelo, e o Shopping Morumbi era no quintal da minha casa. A gente morava em um bairro que até hoje é residencial, então era um bairro isolado de muita coisa. Aí teve o Shopping perto do bairro, que a gente conseguia ir de bicicleta, mobilete, de carro, pois meu pai tinha motorista. Então a gente ficava, nas nossas férias, de segunda a segunda patinando. Quando a gente não estava patinando, a gente estava tendo aula de patinação de gelo. Aí enjoou de ficar jogando, já tinha videogame em casa porque a gente já tinha grana. Tinha tudo em casa, só não tinha patinação no gelo, aí a gente ia lá. E eu lembro que eu não tive problema. Eu lembro que a gente chamava bastante atenção, o povo até tirava foto. Hoje eu fico brava, mas na época era moleque, não brigava. Mas eu achava que na época eles tiravam foto porque olha como essa pequena patina, porque eu patinava muito mesmo”</i></p>
--	---

Fonte: E2 (2022)

O tipo de preconceito que o E2 relata ter sofrido durante a infância foi do tipo velado, que não fora percebido por eles naquela época, mas que hoje, a partir do conhecimento sobre as questões sociais, compreendem que tinha relação direta com sua condição física (Quadro 11).

Quadro 11. Relato de preconceito velado por E2

E2	<p><i>“A gente já sofreu preconceito, mais vida adulta mesmo, porque até na adolescência eu sofri preconceito no sentido de ser velado, eu também gostei, tem uma música do Sérgio Reis que ele fala assim: "a garota mais bonita também era mais rica, me fazia de escravo do seu belprazer". Eu fui gostar do menino mais bonito da escola e mais rico. Só que eu percebi que ele também gostava de mim, só que ele não ficava comigo, hoje eu sei que era por preconceito, só que na época eu não via como preconceito, eu achava que ele não gostava de mim, e eu tinha uma autoestima muito baixa.”</i></p>
----	--

Fonte: E2 (2022)

O preconceito velado é definido por aquele que a pessoa tem e exprime por meio de palavra e ações que julga ser normal, e por isto, defende-se dizendo não ser preconceituosa. Ele envolve desde uma simples cara de deboche, até o uso de termo usualmente considerados normais, mas que tem uma raiz extremamente pejorativa (WUO; BARRETO; RIEGEL, 2020).

É interessante que o preconceito velado ocorria principalmente na infância, enquanto que na vida adulta, ele se mostrava de forma mais escancarada, conforme a fala de E2 “A gente já sofreu preconceito na mais vida adulta mesmo” (Quadro 11) e a de E1 (Quando 12).

Quadro 12. Relatos do E1 de momentos em que sofreu preconceito

E1	<p><i>“[...]Jeu trabalhava na área como social media, só que era uma empresa fechada e era só a graduação de umas outras empresas também, outras empresas ramificadas ali. E aí acabava que eu passei por uma experiência que eu não gostei, por essa questão eu realmente sofri preconceitos ali dentro, passei sete meses ali, e daí quando eu pedi para sair, eu falei: "olha, eu não me identifiquei com isso aqui", porque eu vi que tinha todo um contexto ali meio conservador, tinha todo um contexto meio tradicional, que até a questão de me verem, de me encararem para ver o que eu estou fazendo, sabe? Eu estava comendo, vamos supor, no refeitório até ver: "nossa, espera aí, deixa eu ver como que o Rafael come ali", de ficarem me encarando, eu tive isso, entendeu?”</i></p> <p><i>“Então, eu percebi muitos comentários... acredito que sim, eu percebia mais olhares, porque comentários eles não faziam na minha presença, é muito incrível isso. E eu percebi que qualquer conversa que eu tinha que fazer e que eu tinha que lidar, sem ser da profissão ou uma conversa mais convencional, eu tinha que ligar com a minha deficiência para que eu pudesse ser ouvido, entendeu? "Eu quero participar dessa conversa aqui, mas para que eu participe, eu tinha que ligar alguma piadinha, alguma coisinha da minha deficiência para que aquelas pessoas me escutassem”</i></p> <p><i>“Eu fiquei muito feliz com aquilo, porque eu substituí uma pessoa que não tinha nanismo. Eu substituí um personagem de estatura mediana e ele viu que o meu talento daria certo, não era pela questão física. Aí quando eu fui comentar isso com as pessoas com nanismo que participavam da Branca de Neve, eles acharam isso absurdo, então o que é a cabeça de cada um, não é?”</i></p> <p><i>“Eles acharam isso muito absurdo, porque eles falavam assim: "nossa, você está participando da peça dele? Lá não tem nem personagem para você", sabe, eles falaram dessa forma”</i></p>
----	--

Fonte: E2 (2022)

Quanto ao estigmatização que as pessoas com nanismo normalmente sofrem na sociedade, fica nítido pelas falas *“Eu fiquei muito feliz com aquilo, porque eu substituí uma pessoa que não tinha nanismo.”* e *“nossa, você está participando da peça dele? Lá não tem nem personagem para você”* (Quadro 12).

Foi possível também observar que os ambientes não são adaptados para as pessoas com nanismo e que as pessoas têm que constantemente serem lembradas que adaptações devem ser feitas na organização do ambiente para promover a autonomia da pessoa com nanismo (Quadro 13).

Quadro 13. Relato do E2 sobre a falta de acessibilidade

E2	<p><i>“[...] Então depois que você está como adulto mesmo, que seus amigos casam e tem filhos e você se ver só. Como eu, que hoje moro só. Hoje eu sei de toda a minha dificuldade aqui em casa, por exemplo, hoje a moça veio limpar aqui, aí eu já falo</i></p>
----	---

para ela não esquecer que sou pequena e que é para botar mais para frente que eu alcanço, mas eu não alcanço lá no fundo... aqui, mas tem que deixar tudo na beirinha, e não bota a massa de tomate lá nas grifas que eu não vou alcançar, para mim tudo é embaixo, tanto que meus armários aqui ou são vazios ou tem coisa que só vou usar se eu pedi para alguém, não é meu dia a dia. Então, essa realidade de locomoção me chamou mais a realidade. Mas eu lido, digo isso, mesmo eu, hoje, realizada com isso, eu lido tão bem que as pessoas esquecem que eu sou pequena, só para você ter uma ideia. Eu trabalho do lado da minha chefe, onde a gente toma água é um filtro comunitário no corredor e é alto para mim. Eu trabalho com ela tem quase dez anos. Outro dia, não tem muito tempo, eu: "Angel, faz um favor para mim, pega água para mim, amorê?" Ela olhou para mim e falou: "ah, mano. Pega você". Eu falei: "mas eu não alcanço". E ela: "Putá que pariu. Me perdoar, eu esqueci". Porque as pessoas esquecem, tipo, vem no bar aqui na frente de casa, e eu: "mano, mas só se alguém me buscar". Eu que ando hoje, eu que fico chamando, mas se fosse andando, eu vou, aí quando eu fosse eu falava: "puta merda, eu não aguento ir". Eu esqueci que eu era pequena. Entendeu? É nesse sentido. Mas eu sempre soube, só que eu esquecia porque eu não consigo andar igual você. Eu morei em um apartamento que era só escada, e eu lembro que meu o ortopedista ficou putíssimo, e foi uma das coisas que me fodeu a perna, eu tinha carro, então para mim não tinha...Mas aí eu falo que não tenho condições de morar em um lugar que tem elevador, e ele falava: "elevador para você não é luxo". Eu falei: "então vai falar isso para sociedade. Porque eu ganho para morar em um apê que não tem escada, tipo esses apês de moabe, que é barato e não tem condomínio. Aí ele falou: "você é foda". Só que falava assim: "mas eu moro no primeiro andar". E ele falou: "só que você para o carro no subsolo, então você sobe dois andares". Eu falei: "ah, mas são só dois andares". E ele: "um degrau para mim são seis para você". Aí que começou a cair minha ficha. Porque no mundo adulto, que meu pai faleceu, a gente ficou sem grana, tudo ficou no inventário, anos sem condições. Minha irmã e eu acabamos nos lascando porque escada é um negócio que eu não posso de jeito nenhum, hoje eu vejo, porque, assim, tem três degraus, tem um elevador, aqueles elevadores, eu vou de elevador, aí se não, eu subo com a muleta e apoio, no pé eu uso uma palmilha, estou toda biônica agora, aí eu apoio, só que para mim é complicado. Por exemplo, estava indo numa terapia, que tinha que subir três escadas porque não tinha elevador. Três degraus só, mas já estava me lascando. Aí eu pedi que se ela poderia me atender online, e é convênio, aí ela viu com o pessoal e, graças a Deus, eu conto muito com a generosidade das pessoas também, aí deixaram me atender online, o que seria o óbvio, mas ainda não é. Essa realidade de não ser o óbvio, essas coisas, eu tenho me chocado muito. O caixa eletrônico, antigamente, como eu andava muito com as pessoas, eu confiava e dava minha senha e a pessoa ia lá. Hoje em dia você tem que ter a mão, tenho que ir, só que eu não alcanço. Mesmo com a cadeira eu não alcanço. Isso é uma realidade muito dura, porque a tecnologia avançou para um lado, ficou mais seguro, mas para mim, ao mesmo tempo, ficou mais inacessível.

Fonte: E2 (2022)

De acordo com Sasaki (2002) é importante que a sociedade como um todo abrace a perspectiva da inclusão e promova oportunidade de acesso a serviços, bens e ambientes para a

peças com nanismo, ou outros tipos de deficiência. Para isto é essencial que ocorram mudanças desde a estrutura arquitetônica de prédios, até a forma que as pessoas se comportam.

A partir das entrevistas foi possível observar que as experiências vivenciadas durante o período escolar de ambos, E1 e E2, foram de certo modo tranquilas em relação a situações de preconceito direto. Entretanto, quando adultos situações mais diretas acontecerem em diferentes ambientes, seja no trabalho, ou no dia a dia na rua.

No que tange as aulas de Educação Física, analisando as respostas dos entrevistados e se baseando em outros autores, foi possível esclarecer o porquê das opiniões dos sujeitos acerca das aulas de Educação Física. Podendo a partir desse ponto esclarecer dúvidas e estipular um objetivo para os professores de Educação Física poderem trabalhar melhor com alunos com algum tipo de deficiência.

Fica evidente nas duas entrevistas a necessidade de uma melhor adaptação da rede de ensino para os sujeitos participantes, não apenas nas aulas de Educação Física, pois assim como relatado pelos participantes a diferença de idade entre eles e os outros alunos os incomoda. Devido isso o professor deve entender o aluno como um sujeito histórico, pois “[...] deve se preocupar com o tipo de atividade que irá propor para esses adolescentes, bem como estar atento quanto a alguma exclusão por parte dos colegas.” (NAFIC et al, 2016).

Outro ponto importante evidenciado é que a situação financeira influenciou diretamente a infância de ambos, demonstrando que o ensino e demais serviços, ainda não tem sido ofertado pelo governo de forma igualitária e que maiores avanços devem ser feitos com este propósito. É essencial que a prática de esportes seja estimulada entre os indivíduos com nanismo.

Conforme apresenta Matsudo (2000), os principais benefícios da prática de atividades físicas por pessoas com nanismo envolvem a melhora na qualidade de vida e nos aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos, psicológico e sociais.

Rodrigues *et al* (2004) destacou que as escolas, sejam públicas ou particulares, devem buscar promover a mesmas oportunidades para alunos com e sem limitações físicas. Além disto, é essencial que todas as práticas desempenhadas abranjam também os alunos com nanismo, a fim de que estes tenham a oportunidade de se desenvolverem como os demais alunos. Isto envolve tanto adaptações a nível pedagógico, como a realização de atividades que procurem estreitar os laços entre os alunos e professores.

Ventura, Rodrigues e Oliveira (2013) trouxeram como resultado de seu estudo que a escola nos dias de hoje encontra-se mais preparada para criar um ambiente propício ao desenvolvimento do aluno com nanismo. No que tange à Educação Física, os professores têm focado nas vantagens proporcionadas, ou seja, nas potencialidades dos alunos, sem enfatizar as restrições físicas. Junto aos professores, nota-se também uma preocupação dos próprios alunos em promoverem um ensino mais inclusivo para seus colegas com nanismo.

Isto, já havia sido evidenciado por Lopes e Ribeiro (2008), indicando que os alunos são bastante receptivos a inclusão, e que por isto, como apresentou Alves e Duarte (2013) logo esta será uma realidade em todas as escolas do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal refletir com base nas experiências vivenciadas por pessoas com nanismo como ocorre a Educação Física Escolar nas escolas brasileiras, a fim de responder ao questionamento qual a realidade da Educação Física Escolar brasileira no que diz respeito as práticas inclusivas voltadas as pessoas com nanismo? Infelizmente devido a baixa adesão de participantes não é possível mensurar a Educação Física brasileira como um todo. Porém, com base nas respostas é possível ver que as experiências foram distintas e isto principalmente devido a aspectos relacionados a família e condição socioeconômica de cada entrevistado, evidenciando que é essencial que o Estado promova as mesmas oportunidades para as pessoas com deficiência, mais especificamente as pessoas com nanismo, levando em consideração também estes fatores.

Com o estudo também foi possível perceber com clareza que a falta de conteúdo científico acerca do tema é algo que limita os estudos, entretanto o objetivo do mesmo é alimentar a comunidade acadêmica com a temática, servindo como forma de empurrão para novas pesquisas que ajudem professores e alunos no trato de pessoas com nanismo no ambiente escolar.

É importante frisar que deve haver colaboração de todas as partes acerca da inclusão desses alunos nas aulas de Educação Física, pois se o professor não está preparado para tal e não busca meios para isso, o aluno se desmotiva. Assim como os outros colegas de classe também devem contribuir para aula, fazendo do ambiente receptivo e acolhedor para esses indivíduos.

Na minha visão como pesquisador, professor e estudante o presente estudo abriu minha mente acerca do assunto, que antes era visto de forma pejorativa, pois era influenciada pelo estereótipo de incapacidade. A partir deste estudo foi possível expandir meus conhecimentos sobre a temática, percebendo o quanto a luta pela perspectiva inclusiva é importante para esclarecer a sociedade da capacidade das pessoas com deficiência e também de seus direitos. Neste sentido, transmito minha breve experiência com outras pessoas a fim de reprimir qualquer tipo de preconceito e conscientizar a todos sobre a importância da inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, M.L.T.; DUARTE, E. O aluno com deficiência visual. In: ALVES, M.L.T; MOLLAR, T.H.; DUARTE, E. (Org.). **Educação física escolar: atividades inclusivas**. São Paulo: Phorte editora, 2013

ALVES, F. A. **Acondroplasia e suas implicações neurocirúrgicas em uma série de casos pediátricos**. 2018. 103f. Tese (Acondroplasia e Suas Implicações Neurocirúrgicas em uma Série de Casos Pediátricos). Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2018.

ALVES, M. L. T.; FIORINI, M. L. S. Como promover a inclusão nas aulas de educação física? A adaptação como caminho. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, v.19, n.1, p.03-16, 2018.

ANTUNES, Katuscia Cristina Vargas et al. **História de Vida de alunos com deficiência intelectual: percurso escolar e a constituição do sujeito**. 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008**. Disponível em:<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.195 de 30 de setembro de 2019.** Disponível em:<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.195-de-30-de-dezembro-de-2019-236099560>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida.** 2020. Disponível em:<<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Pessoas com nanismo e seus direitos.** 2021. Disponível em:<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/PESSOASCOMNANISMOEUSEUSDIREITOS.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Nanismo.** Biblioteca Virtual de Saúde. 2022. Disponível em:<<https://bvsmis.saude.gov.br/nanismo/#:~:text=Nanismo%20%C3%A9%20um%20transtorno%20que,de%20mesma%20idade%20e%20sexo.>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

CARVALHO, G. L. **Produção didático-pedagógica educação física adaptada para alunos com deficiência física.** 2011. 65f. Produção Didática Pedagógica (Professor PDE). Programa de Desenvolvimento Educacional PDE. Superintendência da Educação Coordenação Estadual do PDE. Telêmaco Borba, Paraná. 2011.

COELHO, Crisfina M. Madeira. Inclusão escolar. **Desenvolvimento humano, educação e**, p. 60, 2010.

FARIA, P. M. F. de; CAMARGO, D. de. As emoções do professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Esp.**, v.24, n.2, p.217-228, 2018

FARIA, A. N. M.; MARIANI, R.; LIMA, N. R. W. Cartilha pedagógica para a inclusão social de pessoas com nanismo: para que serve? **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v.6, n.18, 2020.

FREIRE, Paulo. **Das relações entre a educadora e os educandos**. 1991.

GAROFALO, D. **Os desafios da educação inclusiva**. 2018. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/colunas/os-desafios-da-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

GUIMARÃES, M. C. A.; BORGES, A. A. P.; VAN PETTEN, A. M. V. N. Trajetórias de alunos com deficiência e as políticas de educação inclusiva: da educação básica ao ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.27, e0059, p.935-952, 2021.

LIMA, S. R. **Escolarização da pessoa com deficiência intelectual: terminalidade específica e expectativa familiares**. 2009. 181f. Tese (Doutor em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2009.

LIMA, M. P. **Compreensão psicossocial da vida de trabalho para pessoas com nanismo: entre a estigmatização e o reconhecimento**. 2019. 166f. Tese (Doutor em Psicologia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019.

LOPES, A. de C.; NABEIRO, M. Educação física escolar e o contexto inclusivo: o que pensam os educandos sem deficiência? **Revista Motriz**, v.14, n.4, p.494-504, 2008.

MARUI, S. *et al.* Bases Genéticas dos Distúrbios de Crescimento. **Arq Bras Endocrinol Metab.**, v.46, n.4, 2002.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MELO, T. A. F.; FREITAS, A. Educação física adaptada: uma prática de possibilidades no contexto escolar. **EF. DEPORTES**, v.14, n.136, 2009. Disponível em: <<https://efdeportes.com/efd136/educacao-fisica-adaptada-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

MENDONÇA, C. **Educação física adaptada**. 2019. Disponível em:<<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/educacao-fisica-adaptada>>.

Acesso em: 16 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNSTER; M.A.; ALMEIDA, J.J.G. Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

MUNSTER, M. A. Inclusão de estudantes com deficiências em programas de educação física: adaptações curriculares e metodológicas. **Revista da Sobama**, v.14, n.2, p.27-34, 2013.

NABEIRO, M.O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.

NACIF, M. F. P. *et al.* Educação física escolar: percepções do aluno com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 111-124, 2016.

PAIVA, V. **Nanismo Brasil: pessoas pequenas criam associação pioneira para combater a discriminação**. 2019. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/10/nanismo-brasil-pessoas-pequenas-criam-associacao-pioneira-para-combater-discriminacao/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

PEREIRA, J. E. **História, memória e educação: infâncias de pessoas com deficiência mental/intelectual (Maracajá-SC, 1955-1970)**. 2013. 170f. Dissertação (Mestre em Educação). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, Santa Catarina. 2013.

PEREIRA, P. C.; MATSUKURA, T. S. Inclusão escolar e educação infantil: um estudo de caso. **Revista Educação Especial**, v.26, n.45, p.125-144, 2013.

PLESTCH, M.D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar em Revista**, n.33, p.143-156, 2009.

POKER, R. B. Pedagogia inclusiva: nova perspectiva na formação de professores. **Educação em Revista**, n.4, p.39-50, 2003.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. NANISMO: condição que exige cuidados e atenção multiprofissional na saúde. 2021. Disponível em:<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=322818>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ROCHA, T.; FIDÊNCIO, M. E.; PORTO, E. T. R. **Inclusão: o aluno deficiente físico na aula de educação física do ensino regular**. In: 7º mostra acadêmica UNIMEP, 2016. Disponível em:<<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/7mostra/4/32.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ROCHA, L.; WAGNER, D. Pessoas com nanismo acondroplasia: um estudo acerca dos aspectos psicossociais e as contribuições da atividade física na sua inclusão social. **Ciência em Movimento, Educação e Direitos Humanos**, v.20, n.40, 2018.

RODRIGUES, G. M. *et al.* Demarcações sociais e as relações diádicas na escola: considerações acerca da inclusão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 43-56, 2004.

SANTOS, G. A. Os desafios da educação inclusiva na rede pública de ensino. **EduCapes**, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575784>. Acesso em: 07 jun. 2022.

SANTOS, M. O. *et al.* Educação física escolar e inclusão: um estudo de caso no Brasil sob a óptica do modelo bioecológico. **Motrivivência**, v.32, n.52, p.01-21, 2020.

SARABIPOUR, S.; HRISTOVA, K. Effect of the achondroplasia mutation on FGFR3 dimerization and FGFR3 structural response to fgf1 and fgf2: A quantitative FRET study in osmotically derived plasma membrane vesicles. **BiochimBiophys Acta**, v.1858, p.1436-1442, 2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 4.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SOUZA, M. A. de; MARANHÃO, T. L. G. A experiência do amor dos pais que tem filhos com deficiência no processo da aceitação. **Id onLine Rev. Mult. Psic.**, v.12, n.42, p. 187-202, 2018.

SIEMS-MARCONDES, M. E. R. Estudantes com deficiência no ensino superior: trajetórias escolares, acesso e acessibilidade. **Inclusão Social**, v. 11, n. 1, 2017.

SILVA, R. F.; SEABRA JUNIOR, L.; ARAÚJO, P. F. **Educação Física Adaptada no Brasil: da história à inclusão**. São Paulo: Phorte, 2008.

SILVA, A. P. M.; ARRUDA, A. L. M. M. O papel do professor diante da inclusão escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.5, n.1, 2014.

SILVA, S. M. da.; LIMA, S. F. A. Educação inclusiva no ensino fundamental. **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, v.05, n.07, 2016.

THOMASI, T. Z. **Nanismo: capacidade funcional e qualidade de vida de pessoa em processos de envelhecimento de Itabaianinha (SE)**. 2018. 65f. Dissertação (Mestre em Fisioterapia). Universidade do Sagrado Coração. Bauru, São Paulo. 2018.

TORRES, J. P.; SANTOS, D. C.; SANTOS, V. Inclusão na educação superior brasileira: análise da produção científica. **Interfaces da Educação**, v.7, n.19, p.296-313, 2016.

VENTURA, T. S.; RODRIGUES, G. M.; OLIVEIRA, G. K. **ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA: implicações na imagem corporal e autoconceito da pessoa com nanismo**. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/5conice/schedConf/presentations?searchInitial=D&track=208>. Acesso em 07 jun. 2022.

WUO, A. S.; BARRETO, K. A.; RIEGEL, A. B. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DEFICIÊNCIA: a perspectiva de estudantes do ensino médio**. **REVISTA PEDAGÓGICA** |, v.22, 2020.

ZANELLATO, D.; POKER, R. B. **Formação continuada de professores na educação inclusive: a motivação em questão**. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 1, p. 147-158, 2012.

APÊNDICES

APENDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Memórias de pessoas com nanismo na Educação Física escolar**”. Meu nome é **Lucas Antonio Pellenz Sanches**, sou o (a) pesquisador (a) responsável e estudante do curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, está cópia é sua e deverá encaminhar outra ao pesquisador responsável em caso de aceite em participar da pesquisa. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail: **lucassanches1999@hotmail.com**

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa intitulada “Memórias de pessoas com nanismo na Educação Física escolar” tem como objetivo analisar as memórias de ex/inclusão de pessoas com nanismo na educação física escolar, afim de identificar as experiências vividas nas aulas de educação física, assim como também analisar alguns aspectos das relações interpessoais e das experiências mais marcantes em outros espaços-tempos que envolvam as práticas corporais na escola.

Em decorrência da atual situação em que se encontra o país, não é possível que haja a coleta dos dados por meio de uma entrevista presencialmente entre as duas partes. Devido isso a coleta dos dados será realizada por meio de ligações de áudio e/ou vídeo, de acordo com a preferência do participante. Para tal será utilizado dois aparelhos celulares, um onde ocorrerá a entrevista e o outro onde será feita a gravação, para posterior transcrição dos dados. É assegurado total sigilo das gravações das entrevistas, garantido total sigilo de imagem e voz, não sendo feito uso de voz ou imagem, tornando assim todos os participantes anônimos. Os resultados serão divulgados de forma descrita e anônima na pesquisa.

Caso haja algum tipo de desconforto durante a entrevista seja por motivos relacionados à mesma ou não, o participante pode se sentir à vontade em pular a pergunta ou deixar a pesquisa, sem que sofra nem um tipo de penalidade por isso.

Não será feito nem um tipo de pagamento ou remuneração financeira para aqueles que decidirem por participar da pesquisa descrita.

As entrevistas serão marcadas previamente para que haja disponibilidade de tempo das duas partes (entrevistado e entrevistador), para execução das questões da pesquisa.

MARQUE UM X NA AFIRMATIVA QUE CONDIZ COM SEU INTERESSE OU NÃO DE PARTICIPAR DA PESQUISA.

- Permito a divulgação das minhas respostas nos resultados publicados da pesquisa desde que seja garantido o sigilo de minha identidade;
- Não permito a publicação das minhas respostas nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, (preencher com seu nome completo), RG: (preencher o número do RG), concordo em participar do estudo intitulado “**Memórias de pessoas com nanismo na Educação Física escolar**”. Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pelo pesquisador(a) responsável Lucas Antonio Pellenz Sanches, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

....., de de..... (Preencher local e data)

Meu aceite em participar da pesquisa é confirmado pelo encaminhamento desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE preenchido pelo meu email pessoal, (preencher com o email pessoal), para o pesquisador responsável.

Declaro ser o pesquisador responsável, Lucas Antônio Pellenz Sanches, e encaminho o convite da pesquisa em forma de TCLE pelo email pessoal: lucassanches1999@hotmail.com

Fonte: Autoria própria

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Formação acadêmica:
- 4) Profissão:
- 5) Você tem algum parente com nanismo? Se não, como foi para você crescer no meio de pessoas não semelhantes?
- 6) Cidade em que estudou na Educação Básica/Ensino Fundamental E Médio:
- 7) Escola em que estudou era particular, públicas ou estudou em ambas as escolas (se for em ambas diferenciar a estrutura das escolas e onde foram as experiências que ele vai descrevendo na entrevista)
- 8) O que se lembra dos espaços físicos da escola (biblioteca, salas de informática, refeitório, espaços das aulas de educação física, pátio, diretoria, cantina, sala de materiais, banheiros, etc.).
- 9) Quais as experiências mais marcantes na escola (fale sobre elas) e em que momento ocorreu (recreio, aula...).
- 10) Tem alguma experiência marcante que envolva a educação física fora da escola?
- 11) Qual a experiência que menos gostou de ter vivenciado na escola?
- 12) Como era a relação com seus colegas de turma? Alguma situação que queira contar?
- 13) Como era sua relação com o professor de educação física?
- 14) Como é a sua relação com seus colegas de trabalho?
- 15) Quais as suas principais memórias das aulas de educação física? Fala sobre elas...
- 16) Você participava de todas as atividades propostas pelo professor?
- 17) Que atividades você menos se interessava? E por quê?
- 18) Você chegou a estudar com alguém com a mesma condição que você? Se sim, como isso afetou você?
- 19) Você costumava chegar cedo na escola? Por quê? (brincadeiras; interações; família, etc.)
- 20) Você costuma sair tarde da escola após o final das aulas? Por quê? (brincadeiras; interações; família, etc.)
- 21) Como eram os recreios escolares? Que memórias boas e/ou ruins você tem para contar?

22) Quais atividades de lazer você costuma fazer? Isso tem alguma influência do período escolar ou da educação física?

Fonte: Autoria própria